



A JUVENTUDE NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO

Sidimara Cristina de Souza¹

Júlio Cesar da Silva Ramos²

João Bôsko Hora Góis³

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o lugar ocupado pela população negra jovem no mercado de trabalho no Brasil. O trabalho leva em consideração que, o mito da democracia racial, junto com estereótipos relacionados às pessoas negras contribuem para colocá-las em posições inferiores no referido mercado. Dados para esse trabalho foram coletados de fontes secundárias e de um survey.

Palavras-chave: Negros 1; Preconceito 2. Mercado de Trabalho 3.

ABSTRACT

This paper aims at examining the place occupied by the youth Black population in the labor market in Brazil. It assumes that the myth of racial democracy along with stereotypes related to Black people contributes to place them in inferior positions in the aforementioned market. Data from this paper were collected from secondary sources as well as a survey.

Keywords: Blacks. 1. Prejudice. . Labor market.

1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que a discussão acerca da juventude emergiu na segunda metade dos anos de 1980 para os anos de 1990, em decorrência do esgotamento do modelo desenvolvimentista no Brasil e na América Latina nos anos de 1980.

Autores como Margulis e Uresti (1996) passaram a apreender a juventude enquanto objeto de estudos, na perspectiva de compreender os reflexos sociais sobre esses sujeitos. Por sua vez, chegaram ao consenso de que a juventude deve ser vista em sua moratória vital, representada pela condição de energia física e

¹ Universidade Federal Fluminense; pós-doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da UFF; sidi.mara@hotmail.com.

² Universidade Federal Fluminense; graduado em Serviço Social; jc.imperatore1@gmail.com.

³ Universidade Federal Fluminense; professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da UFF; jbhg@uol.com.br.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

moratória social, condição de preparação para a vida adulta, onde o tempo para formação escolar é relevante na inserção no mundo do trabalho.

González (2016) aponta a importância de reconhecer que os valores e os papéis da juventude foram redefinidos no quadro de redemocratização na década de 1980. Sob a perspectiva de tentar construir uma nova relação entre o Estado e os jovens, foi preciso que o Estado se comprometesse com um tipo de “proteção cidadã” despida de ações autoritárias que perduraram por décadas na América-Latina.

No Brasil, os retrocessos ocasionados pelas investidas neoliberais na década de 1990 desenharam o surgimento de “políticas sociais focalizadas”, cujo foco era o alívio imediato da pobreza, sobretudo para as crianças e as famílias. Nesse contexto, jovens ganham mais visibilidade. Entretanto, ao mesmo tempo, a situação de moratória social dessa juventude ficou comprometida, haja visto o aumento de jovens em situação de risco. Em função disso, para esse grupo foram reservados projetos específicos, voltados para inserção produtiva e a contenção/prevenção da violência.

[...] Os jovens “em situação de risco” mostravam com nitidez a face da exclusão na juventude brasileira. Ao mesmo tempo, outras situações de exclusão se revelam, através de um sentimento comum a diferentes segmentos juvenis: o “medo de sobrar” (NOVAES, 2012). Isto é, de não encontrar um lugar no mundo presente e futuro. Os certificados escolares não são mais garantia de inserção produtiva e a palavra “trabalho” sempre evoca incertezas. Isto é, os certificados escolares são como passaportes: necessários, mas, por si, não garantem a viagem para o mundo do trabalho. Além disto, e cada vez mais, a aparência e o lugar de moradia funcionam como filtros seletivos nesse mercado competitivo e mutante (NOVAES, apud ABRAMO, 2014, p.41).

Ainda que a juventude tenha voltado às agendas públicas e o otimismo tivesse se reacendido, foi no findar dos anos de 1990 e início dos anos 2000, que a perspectiva sobre a juventude começa a mudar positivamente: a noção de jovem como “sujeito de direitos” começou a se firmar, ressaltam Castro e Macedo (2019).

Nessa década intensificou-se a discussão sobre a juventude, isto devido a ampliação de processos organizativos da população jovem que ocorreu nos partidos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

políticos, nos movimentos sociais e em uma ampla gama de outras formas de organização política e cultural.

Contudo, por mais que a chegada dos anos 2000 tenha apresentado avanços que se refere a juventude na agenda pública, a participação dos jovens no mercado de trabalho no Brasil continua sendo marcada por vários desafios, como informalidade, baixa remuneração, alto índice de rotatividade, precarização da relação de trabalho e dificuldade de conciliação entre estudos, responsabilidades familiares e trabalho. (IBGE, 2019).

O desemprego entre os jovens brasileiros é de duas a três vezes maior do que o desemprego entre os adultos. Um outro indicador observado foi a disparidade de raça e gênero, segundo dados da OIT (2016) e IBGE (2019).

Os reflexos dessa disparidade são notórios nos estudos realizados pelo IBGE (2019), onde a juventude negra aparece com 64,2% enquanto desocupada contra 34,6% da branca; 66,1% dos subutilizados enquanto os jovens brancos são de 32,7%. No que se refere a violência, a taxa de homicídio da juventude negra é de 98,5% contra 34,0% da juventude branca.

Diante do panorama apresentado, este estudo tem por objetivo analisar como a juventude negra se percebe no mercado de trabalho. Além disso, visa também fomentar a discussão sobre jovens e sua importância na luta antirracista, visto que é um tema tão importante e pouco abordado.

Não é de agora que os negros são invisibilizados na sociedade brasileira e no próprio mundo do trabalho. É no propósito de enfrentamento desse racismo sistêmico que se perpetua e nos engole há séculos, que este trabalho possui sua relevância.

Na perspectiva de refletir sobre tal temática foi utilizado como metodologia científica o método triangular. Segundo Minayo, Assis e Souza (2005) esse é um método de precisão científica que leva em consideração as especificidades e a adequação de cada um dos processos de avaliação, de forma distinta e ao mesmo tempo, combinada. Esse foi escolhido porque permitiu articular a abordagem

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

quantitativa da qualitativa, sem que essas fossem antagônicas e sim, complementares embora de natureza diferente. Tomamos como norte os seguintes questionamentos: a juventude negra possui ou não as mesmas oportunidades que a juventude branca? Se sim, quais as condições dadas nas possibilidades dessa juventude negra no Brasil? O que lhes falta para atingir a igualdade de oportunidades imaginadas e divulgadas pelos liberais?

Salientadas tais inquietações, convidamos os leitores desse trabalho a adentrarem nessa discussão tão necessária, que é ao mesmo tempo uma reflexão e um chamado para engajamento na luta antirracista.

2 JUVENTUDE NEGRA E O MERCADO DE TRABALHO

Discutir acerca da juventude negra é uma tarefa difícil. Entretanto, ela é necessária dados os estigmas atrelados à ideia de juventude e a sua complexidade, pois, nas sociedades multirraciais como o Brasil a raça exerce funções simbólicas (valorativas estratificadoras). O fator racial possibilita a distribuição de indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais de classe/raça dominante.

Segundo Figueiredo (2005) as desigualdades de raça não são apenas distintas, mas também diferentes em seus modos de operação social das desigualdades de classe. Nesse sentido, elas operariam, em grande parte, por intermédio da colocação dos não-brancos em posições inferiores aos brancos na ordem da produção e da distribuição.

Esses arranjos propiciam e são possibilitados por um acordo simbólico que condiciona práticas e predetermina o lugar social do negro. É um entendimento tácito que engendra o nosso imaginário e naturaliza o preconceito que está embutido nas barreiras que se colocam para que os negros não alcancem as mesmas condições de vida dos brancos. Esta questão evidencia-se quando o negro

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



busca mobilidade social e reivindica seus direitos à educação e ao trabalho, principalmente.

Pensar a juventude é interrogar sobre as suas multiplicidades, mutabilidades e o seu contexto social. Para Dayrell (2004), compreender-se enquanto jovem negro requer do indivíduo e da sociedade um olhar dinâmico, diferenciado, pois, ser jovem negro em uma sociedade racista é exumar suas dores, feridas familiares e injustiças sociais recaídas sobre sua pele cotidianamente.

Segundo Santos (1983) há uma dificuldade para o negro de se reconhecer como tal em nossa sociedade, o que advém da introjeção da imagem do negro construída pela branquitude, onde a única coisa visível é sua inferioridade e a postura passiva frente a confrontação ombro-a-ombro com o branco.

Transversais a juventude negra, tais complexidades produzem uma juventude com baixas ou nenhuma condição de competir em pé de igualdade com os brancos, ou seja, inapta a ocupar espaços e cargos de cunho privilegiado, restando apenas baixos salários, subempregos entre outros.

Segundo o IBGE (2019), a proporção de pessoas pretas e pardas que se inserem precocemente no mercado de trabalho é maior do que a de brancos, o que tem relação com a evasão escolar.

(...) embora o abandono escolar tenha diminuído entre os jovens pretos ou pardos de 18 a 24 anos, de 2016 a 2018, ainda é mais forte que entre os brancos. A proporção de pessoas pretas ou pardas de 18 a 24 anos de idade com menos de 11 anos de estudo e que não frequentavam escola caiu de 30,8% para 28,8%, mas a proporção de pessoas brancas na mesma situação, em 2018, era 17,4% (IBGE, 2019).

Tais levantamentos apontaram que as motivações por detrás das evasões escolares se remetem ao complemento de renda familiar, custeio do próprio bem-estar, como lazer, vestimentas, entre outros. Essas nuances fazem com que o jovem negro sempre abdique de algo, seja material ou imaterial, como a própria juventude e, quando cai em si, alcançou a vida adulta com feridas sociais não cicatrizadas.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



As atitudes e sentimentos desencadeados pela experiência com o trabalho formal e informal propiciam o contato com a heterogeneidade e instabilidade existentes no mercado de trabalho, fazendo com que os jovens sintam-se fragilizados nas tentativas de inserção. A impotência diante da capacidade de inserção e permanência no trabalho é fonte de sentimentos negativos (SANTOS E SCOPINHO, 2011, p. 28).

Pensar esse corpo negro jovem no mercado de trabalho não o exime das refrações do racismo. Ao contrário, faz com que esse corpo reviva suas inseguranças e traumas. Carvalho (2004) aponta que a juventude enfrenta dificuldades adicionais para encontrar trabalho e se manter nele, uma vez que, por ser inexperiente encontra pouca oportunidade, porém, esses obstáculos são mais intensos sobre a pele preta.

Para Dib e Castro (2010):

Se observarmos as taxas de desemprego, também aí temos questões específicas a serem observadas. Se considerarmos o desemprego enquanto uma construção social, cabe questionarmos o porquê das taxas mais elevadas de desemprego entre os jovens e o porquê do debate em torno do desemprego juvenil ganhar tanto destaque no espaço público. As taxas de desemprego entre mulheres e negros também são muito elevadas. Por que não ganham o espaço que o desemprego juvenil, sobretudo o dos jovens homens, ganha? Uma outra questão importante a debater diz respeito às próprias políticas públicas a serem construídas para esse grupo. Que políticas? E se considerarmos a diversidade tão presente entre os jovens, que políticas, para quais jovens? (SANTOS E SCOPINHO, 2011, p. 28).

Ao afirmarmos que jovens pertencentes aos estratos mais pobres são os mais frontalmente atingidos pelo desemprego e pelas mudanças no mercado de trabalho, oportunamente questionamos: Qual é o lugar desses na agenda política do Estado?

Com o Consenso de Washington, os anos de 1990 mostraram a inflexão estatal frente ao enfrentamento das desigualdades sociais e, que no percurso desta década, como respostas, políticas focalizadas foram criadas. Porém, os anos 2000 reacenderam os ânimos de alguns segmentos populares, no que se referia ao resgate da juventude enquanto sujeito de direito, após a eleições presidenciais de 2002, conforme já sinalizamos anteriormente.

Segundo Abramo (2014) os governos, bancos, organismos internacionais buscando caminhos para “sair da crise” e superar a pobreza - começaram a discutir

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

“o problema da juventude”, como sua vulnerabilidade às intempéries sociais, violência, gravidez precoce, homicídio, desemprego, entre outros. Logo, nos é perceptível que para os governos e a sociedade, a juventude só está presente para o pensamento e para ação social como “problema”. Visto isto, com enfoque no desenvolvimento, a juventude torna-se um ator estratégico. Torna-se alvo de investimento enquanto capital humano e capital social.

Nesta perspectiva, programas e projetos voltados a juventude foram desenvolvidos no Brasil, tais como: o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem, que vislumbra a inclusão do jovem na educação, qualificação e ação comunitária sob o amparo da Lei de nº 11.129; a Lei nº10.097, conhecida como a lei do Jovem Aprendiz que prevê as condições em que os jovens de 14 a 18 anos podem estar inseridos no mercado de trabalho.

Um outro ponto ressaltado por Abramo (2014) é a importância de considerar as várias dimensões da vida social dessa juventude, evidenciando suas particularidades. Pois, seria impossível desenhar e desenvolver uma política pública para juventude sem levar em conta as imbricações que lhes são transversais.

O desemprego entre jovens é um exemplo dessa transversalidade, entretanto, não repercute da mesma forma para todos. São distintas as características dos sujeitos, que contribuem para diferentes inserções/experiências/exclusões no mundo do trabalho, principalmente quando estamos falando de cor. Para os jovens negros, vê-se uma situação de dificuldades acentuadas, as quais foram construídas histórica e socialmente sobre o eixo do racismo.

A discriminação racial é elaborada, mas a ela se acrescenta uma dimensão nitidamente política: “a modificação e o significado de raça, como critério de alocação à posições na estrutura de classes e estratificação social, parece depender mais de fatores tais como mudança no clima ideológico internacional, o nível de mobilização dos grupos racialmente subordinados e políticas raciais do que alguma lógica inerente ao industrialismo (HOSENBALG, 1979, p. 16).

Cabe aqui apreender a história como resultante dos feitos práticos de sujeitos humanos que frequentemente resultam em estruturas complexas de discursos que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

tem uma autonomia relativa de (ou não é completamente considerável em termos de) intenções, objetivos, necessidades, interesses e objetivos dos seres humanos.

A incompatibilidade da população negra com o desenvolvimento do mercado de trabalho no Brasil, tem sua causa atrelada a um dos diversos discursos dos brancos: deste ser incapaz de acompanhar tal etapa de modernização por ser intelectualmente insuficiente. Essa discursiva tornou-se no Brasil um projeto, tendo como base a teoria do branqueamento, o “racismo científico”, incentivada pelo Estado, abarcado nos anseios da elite brasileira.

Observa-se que a estrutura racista se ressignificou no avançar das décadas e buscou novas estratégias de manejo visando a manutenção da hegemonia vigente. Decorrente dessa metamorfose do racismo, têm-se consequências como a baixa representatividade positiva do negro nas estatísticas.

O racismo impregnou toda a estrutura social e no mercado de trabalho não foi diferente. Jovens negros apresentam maiores dificuldades em se inserirem no mercado de trabalho comparado aos brancos. Essas dificuldades de inserção vêm produzindo uma juventude desanimada, esmorecida ou desalentada, como podemos analisar nos dados apresentados pelo IBGE (2019).

No Brasil, no 4º trimestre de 2017, os desalentados chegaram a 4,3 milhões de pessoas, o maior contingente desde o início da série histórica da Pnad Contínua, iniciada no 1º trimestre de 2012, quando os desalentados somavam 1,9 milhão. Já em 2017, a Bahia era o estado com o maior número de pessoas nessa situação, seguido pelo Maranhão, com 410 mil. Estes estados contribuíram para a Região Nordeste apresentar 59,7% (2,6 milhões de pessoas) do total da população desalentada no Brasil (IBGE, 2019, p. 21).

Em entrevista concedida à Retratos, revista do IBGE (2019), duas jovens apontam estarem cansadas de sofrer com a expectativa de conseguir o emprego, onde decidiram dar uma pausa nas buscas no final do ano de 2018. Porém, ainda assim, se puseram à disposição, caso surja uma oportunidade de trabalho. “Se aparecer, claro que vou procurar saber, mas não quero mais o desgaste, a neurose de acordar e ficar olhando grupos e mais grupos de empregos (ENTREVISTADA, 2019) ”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Para os jovens, o trabalho é tido como dever, obrigação social; é não ter tempo, é ser responsável, é ser digno. Por outro lado, a vivência do desemprego, a exclusão do mercado, promovem a interiorização de uma imagem negativa, desmoralizante, carregada de sentimentos de inferioridade e inadequação. Estar desempregado é não ter utilidade, não ter lugar para ser, é ser um peso para a família, um parasita, um não ser (DIAS, BULGACOV & CAMARGO, 2007).

O trabalho se configura como, uma atividade vital, a própria vida produtiva e “vida produtiva é a vida genérica” é a “[...] vida que gera vida”. Pois, o objeto do trabalho é a “objetivação da vida genérica do homem” na medida em que “ele se duplica intelectualmente, como na consciência, mas também operativamente, realmente, e contempla-se por isso num mundo criado por ele (DURIGUETTO apud MARX, 2015).”

É certo que o trabalho designa as formas pelas quais os sujeitos constroem e vivenciam relações sociais para os que estão formal e informalmente nele inseridos, mas, para os jovens, a precariedade das relações de trabalho atua de maneira, particularmente, negativa. Porque inviabiliza a realização de um projeto de vida profissional. Trabalhar nestas condições já não é sinônimo de segurança para planejar o futuro.

Quando se trata de competir para o preenchimento de posições que implicam em recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isto ocorre em todos os níveis dos diferentes seguimentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase que absoluta da população faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refugio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada (GONZALEZ, 1979, p. 2).

Por isso, as políticas públicas podem ter um papel central na melhoria das oportunidades e das condições para este grupo, seja em termos de educação, formação profissional ou inserção e participação no mercado de trabalho. Se as atuais modalidades de organização do trabalho abalaram os marcos referenciais de construção identitária para os trabalhadores, deixando no lugar o sentimento de estar “à deriva”, como diz Sennett (1999), no Brasil, os trabalhadores negros têm ainda contra si a própria condição étnico-racial.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

3. A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA SOBRE SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A fim de evidenciar as nuances intrínsecas à juventude negra, um questionário semiestruturado, com perguntas fechadas e semiabertas foi aplicado via internet, por meio da plataforma do *Google*.

O questionário buscou pontuar questões como: autodeclaração; idade; identidade de gênero; grau de escolaridade; estar ou não inserido no mercado de trabalho, formal ou informal; ter sido vítima ou de racismo ou não em sua busca por emprego e como o jovem negro se enxerga frente ao racismo no mercado de trabalho.

Ao realizar a aplicação desse, via internet, tivemos a participação de 72 indivíduos com idades entre 18 e 29 anos. Desses 72,2% se autodeclararam pretos, 12,5% pardos, 11,1% brancos, 3,1% indígenas e 1,1% outras etnias. 97,3% cisgênero, sendo 55,6% foram mulheres, 41,7% homens e 2,7% pessoas transgênero.

No que se refere a Educação, 51,4% dos jovens possuem ensino superior completo; 26,4% ensino médio completo e 18,1% o ensino fundamental completo. Entre as políticas públicas voltadas a atender a juventude, a educação tem apresentado dados positivamente expressivos e, neste, a juventude negra veio se destacando. Dos jovens que responderam ao questionário, 37,2% são negros com ensino superior completo, sendo as mulheres as que apresentaram maior grau nos estudos, representando 50% dos participantes.

Segundo Silva (2020) o aumento da frequência de negros no ensino superior público e privado é evidente. Em 2001 os negros representavam 22% desses estudantes, já em 2015 essa participação alcançou 44%. Esse incremento considera também 17% de aumento no total de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas, ao sair de 46,1% para 53,9%. Na graduação pública, o salto dessa frequência foi de 31,5% para 45,1% no mesmo período. Ademais, vale destacar que:

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A Lei de nº 12.711/2012 é um marco fundamental do processo que se iniciou no começo dos anos 2000, em que diversas instituições de ensino superior (IES), por decisão autônoma de suas instâncias deliberativas ou por meio de leis estaduais, aprovaram a adoção de ações afirmativas para ampliar o acesso de negros ou pessoas de baixa renda nos cursos universitários (SILVA, 2020, p 7).

De fato, as políticas públicas de ações afirmativas potencializaram a inserção do negro em muitos espaços, entretanto, mesmo se mostrando qualificados, jovens negros e seus respectivos grupos étnicos, são mais cobrados, as exigências sobre estes é o dobro da sofrida pelo jovem branco e os de sua casta. Para Barbosa (2003), a amplitude das ações afirmativas traça alguns objetivos a serem alcançados: efetivação da igualdade de oportunidades, transformação de ordem cultural, pedagógica e psicológica, diversidade e representatividade dos grupos minoritários nas instituições de ensino e no mundo do trabalho.

Para atingir seus anseios pessoais, jovens negros abrem mão da “moratória social”, ao iniciar precocemente no mercado de trabalho. Cerca 58, 3% destes jovens negros que contribuíram para esta pesquisa, ingressaram no mundo do trabalho entre 15 e 18 anos, a outra parcela de 38,9% entre 18 e 24 anos.

Outro ponto a ser ressaltado é que 61,1% expuseram que já foram discriminados quando trabalhavam ou procuravam empregos. O racismo, homofobia e gordofobia se destacaram como as principais discriminações sofridas.

Perguntados como se sentiram diante das discriminações, os sentimentos trazidos por estes foram: “não pertencimento”, “raiva e incapacidade”, “frustração”, “impotência”, “vergonha”. É fato que essas discriminações são fruto de uma marginalização, onde o negro foi desqualificado no desenvolvimento da dinâmica econômica face aos privilegiados e sua brancura, (THEODORO, 2008). Tornar-se negro em uma sociedade racista é um processo doloroso, o que por sua vez, torna a emancipação, o empoderamento do negro lenta.

Ao questionarmos os entrevistados sobre jovens negros possuírem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho, 88,9% responderam que a juventude preta não tinha as mesmas oportunidades. Para 5,6% entrevistados as oportunidades são as mesmas para todos e 5,6% optaram por não opinar.

PROMOÇÃO



APOIO



O fato de que 5,6% afirmarem que brancos e negros têm as mesmas oportunidades ou que nunca foram discriminados, nos permite observar o baixo letramento racial ou sua fragilidade em lidar com uma discussão tão complexa e que ainda causa danos, uma vez que dados do IBGE (2019) expõem o desmerecimento do negro frente ao branco no mercado de trabalho.

As pessoas de cor ou raça preta ou parda constituem, também, a maior parte da força de trabalho no País. Em 2018, tal contingente correspondeu a 57,7 milhões de pessoas, ou seja, 25,2% a mais do que a população de cor ou raça branca na força de trabalho, que totalizava 46,1 milhões. Entretanto, em relação à população desocupada e à população subutilizada, que inclui, além dos desocupados, os subocupados e a força de trabalho potencial, as pessoas pretas ou pardas são substancialmente mais representadas – apesar de serem pouco mais da metade da força de trabalho (54,9%), elas formavam cerca de $\frac{2}{3}$ dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%) na força de trabalho em 2018 (IBGE, 2019).

Ao desconsiderar as desigualdades pode-se compreender como um processo de inferiorização, sendo isso um caminho para o que não se pensa em uma solução de combate a questão racial no Brasil. Nega-se a raça porque o grupo social racializado, estigmatizado, vê em seu opressor um modelo a ser seguido. Ao cogitar tal ideia, este grupo se desracializa e passa a partilhar das convicções de seus opressores, das suas doutrinas e de tudo que falam sobre ele.

3 CONCLUSÃO

Conforme nos mostra Guimarães (2012), a ordem racial instaurada no Brasil pós-abolição é pautada em uma suposta “democracia racial”. Em uma sociedade marcada pela falsa democracia racial, a negação da negritude é um atributo cultural que tem grande influência na construção identitária do negro. É um fator que faz com que parte dos jovens entrevistados não perceba a discriminação existente em brancos e não brancos.

Conforme nos mostra Anthony Marx (1996), a ausência de uma ordem racial oficial no Brasil, ou seja, de leis segregacionistas, que poderiam ter sido o pivô de mobilizações mais fortes, contribuiu e contribui para que a discriminação permaneça

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



intocada. Isso faz com que o mito da democracia perdura e dificulte a mobilização da população negra, e conseqüentemente a inserção da juventude negra no mundo do trabalho.

Precisamos enfatizar a necessidade de tecermos reflexões que não pautem a caracterização da configuração social no Brasil apenas atrelada a uma discussão de classe, mas que considere os fatores culturais que determinam o papel de quem é quem na pirâmide social brasileira. A escravidão precisa ser levada em consideração, pois condiciona o lugar que ocupa a juventude negra no nosso país. Essa está em posições de trabalho inferiores, com salários precarizados e são colocados à margem da sociedade pela cor da pele.

Por fim, fazemos a seguinte indagação: Como garantir políticas de reconhecimento e redistribuição para grupos invisibilizados, como os jovens negros, como sujeitos de direitos em tempos de legitimação ideológica do mito da democracia racial e da dominação neoliberal? Precisamos, mais do que nunca, reafirmar a equação apresentada por Guimarães (2009, p. 238): “um Estado = várias heranças culturais = várias raças = várias etnias”. Por isso, precisamos continuar resistindo e reconhecendo a importância das identidades grupais para a criação e a efetivação de políticas públicas mais eficazes.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Conceitos Fundamentais: Pontos de partida para uma reflexão sobre Políticas Públicas**, Brasília: SNJ, 2014.

BIKO, Steve. **Eu escrevo o que eu quero**. Editora Ática, volume 21. Ano 1990

CARVALHO, Joari Aparecido Soares de. **Alguns aspectos da inserção dos jovens no mercado de trabalho no Brasil**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/146.pdf> Acessado em: 21 de nov. de 2022.

DIAS, M. S. L., Bulgacov, Y. L. M. & Camargo, D. (2007). A vivência do desemprego por jovens aprendizes. *Psicologia Argumento*, 25(51), 351-360. Disponível em <> https://www.academia.edu/58486527/A_Viv%C3%Aancia_Do_Desemprego_Por_Jovens_Aprendizes Acessado em 01 de fev. de 2023.

PROMOÇÃO



APOIO





DIB, S. K. & CASTRO, L. R. (2010). O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 13(1), 1-15.

FIGUEIREDO, José Alcides Santos. **Efeitos de Classe na Desigualdade Racial no Brasil**. Ano 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/wKJdfV3gyWMPP4qVmPTdSQh/?lang=pt> Acessado em: 01 de fev. de 2023.

GONZALEZ, Lélia. A juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego. Resumo apresentado na Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Association, 1979. Disponível em <> <https://traduagindo.com/2021/10/16/a-juventude-negra-brasileira-e-a-questao-do-desemprego/>. Acessado em: 17 de ago. de 2022.

GUIMARÃES, Antônio S. “Democracia racial”. IN: Guimarães, Antônio S. **Classes, Raças e Democracia no Brasil**. São Paulo: Ed.34, 2012.

IBGE. **Desigualdades sociais por cor e raça no Brasil**. 2019, nº 41. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acessado em: 20 de set. de 2021.

MARX, Anthony. “A construção da raça e o Estado-nação”. IN: **Estudos Afro-asiáticos**. Março de 1996.

Organização Internacional de Trabalho (OIT). **Trabalho Decente e Juventude – Inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho: evolução e desigualdades no período de 2006-2013**. Ano 2016. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/emprego/WCMS_526221/lang--pt/index.htm Acessado em 01 de fevereiro de 2023.

RETRATO: revista do IBGE. **Somos todos iguais. O que dizem as estatísticas?** 2018, nº 11. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2929/rri_2018_n11_maio.pdf. Acessado em: 21 de nov. de 2022.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. **Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300004. Acessado em 21 de nov. de 2022.

SILVA, Tatiana Dias. **Ação Afirmativa e População Negra na Educação Superior: acesso e perfil discente**. IPEA, 2020. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35893&Itemid=448 Acessado em: 11 de maio de 2023.